



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**TATIANE KELY QUEIROZ FALCÃO**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL:  
UM ESTUDO SOBRE BULLYING EM ESCOLAS PÚBLICAS  
DE ENSINO FUNDAMENTAL - MUNICÍPIO DE SANTO AMARO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2017**

**TATIANE KELY QUEIROZ FALCÃO**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL:  
UM ESTUDO SOBRE BULLYING EM ESCOLAS PÚBLICAS  
DE ENSINO FUNDAMENTAL - MUNICÍPIO DE SANTO AMARO**

Trabalho de Fim de Curso (TCC), na Modalidade de Projeto, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do Professor Dr. Fernando Jorge Pina Tavares.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2017**

**TATIANE KELY QUEIROZ FALCÃO**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL:  
UM ESTUDO SOBRE BULLYING EM ESCOLAS PÚBLICAS  
DE ENSINO FUNDAMENTAL - MUNICÍPIO DE SANTO AMARO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, modalidade projeto de pesquisa, apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 13/12/2017.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Fernando Jorge Pina Tavares (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Carlindo Fausto Antonio (Examinador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Emanuel Alberto Cardoso Monteiro (Examinador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus por ter me dado forças pra concluir mais uma etapa da minha vida, e ter colocado pessoas nessa trajetória que veio para somar.

Meus pais que mesmo não entendendo muito sobre o meio acadêmico sempre me apoiaram nas minhas decisões.

A família, amigos, que compreenderam meu desespero e ausência em momentos de confraternização. Meu namorado por ter lutado junto comigo, me dando todo apoio que precisei, não me fazendo desistir.

Ao Prof. Dr. Fernando Jorge Pina Tavares, orientador; pelos aconselhamentos, disponibilidade, abraçou esse projeto junto a mim. Levarei para a vida tudo que consegui aprender durante essa jornada.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA DA PESQUISA</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMATIZAÇÃO E PERGUNTA DE PARTIDA</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS</b>	<b>8</b>
3.1	GERAIS	8
3.2	ESPECÍFICOS	8
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>9</b>
<b>5</b>	<b>REVISÃO TEÓRICA</b>	<b>9</b>
<b>6</b>	<b>RELATÓRIO PRELIMINAR DA PESQUISA DE CAMPO</b>	<b>11</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>16</b>

## 1 ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA DA PESQUISA

A violência escolar é um dos fenômenos mais preocupantes que permeiam os processos educacionais e os sistemas escolares no século XXI. A imprensa nacional e internacional tem divulgado, de forma recorrente, cenas dramáticas de violências que vêm ocorrendo nas escolas, com particular incidência nos países ocidentais como Estados Unidos, Europa e América Latina. Esses episódios, para além de refletirem a dimensão específica da violência que perpassa as instituições escolares, um pouco por todo o mundo ocidental, refletem, igualmente, e de forma mais genérica, a imagem de uma sociedade contemporânea cada vez mais doentia e incapaz de equacionar soluções para dirimir conflitos sociais, psicológicos e psiquiátricos que afetam as pessoas no mundo globalizado. Segundo as teorias da reprodução cultural, designadamente na expressão de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron, as escolas, via de regra, reproduzem a violência reinante na sociedade onde elas estão inseridas. Nessa aceção, a compreensão da violência escolar requer, a priori, o estudo da violência social como um todo, o que significa que a violência escolar não pode ser compreendida como um caso isolado.

Sem a pretensão e o risco de querer interpretar a violência escolar na perspectiva estruturalista e/ou funcionalista, torna-se necessário relacionar a violência escolar com a violência mais abrangente das sociedades e comunidades nas quais as escolas se encontram inserida e com o próprio sistema mundo, sobretudo no que concerne à relação entre a violência escolar, violência doméstica e/ou familiar, violência urbana e juvenil. Essas relações são fundamentais para se poder desvendar com melhor propriedade as causas da violência que assolam as escolas no mundo ocidental. Não significa, contudo, que a violência escolar não tenha as suas especificidades, no contexto do cotidiano e da cultura escolares. Por exemplo, o bullying que pode ser considerado uma das formas mais frequentes da reprodução da violência dentro das escolas, assume uma dimensão particular no contexto da cultura e do cotidiano escolar. Porém, o estudo do bullying, no âmbito da violência escolar, pressupõe, do ponto de vista metodológico, o desvendar dos fatores externos ao ambiente escolar que lhe estão subjacente, o que pressupõe o estabelecimento de relações como a origem social e familiar tanto das crianças que praticam o bullying como aquelas que são vítimas do bullying. No presente projeto de pesquisa proponho estudar o bullying em escolas públicas do ensino fundamental do Município de Santo Amaro. O meu interesse para o estudo desse tema está relacionado com a minha própria trajetória académica e história de vida, sobretudo quando fui aluna no ensino fundamental, em que fui vítima dessa forma de violência escolar, uma situação que me afetou psicologicamente e cujas marcas profundamente negativa, ainda carrego comigo.

Como eu, imagino que muitos jovens que passaram pela escola pública tiveram que enfrentar esse problema de violência que cada vez mais tende a se naturalizar como um fenômeno normal e quiçá legal no cotidiano das escolas deste país. Pela minha experiência de vida sei o quanto o bullying afeta o comportamento e a formação da personalidade de crianças, adolescentes e jovens em idade escolar, e vejo que a grande maioria das escolas e o próprio sistema educacional brasileiro têm feito muito pouco para procurar soluções com vistas ao enfrentamento do problema. Com isso pretendo, através de uma pesquisa etnográfica e bibliográfica, estudar o fenômeno da violência escolar configurada no bullying, no sentido de procurar compreender suas causas na relação entre a escola e a sociedade, bem como as suas consequências nos comportamentos e atitudes tanto daqueles que praticam o bullying como os que são suas vítimas.

A percepção que eu tenho, em relação a esse fenômeno, é que nem as direções das escolas, nem o (a)s professor (a)s estão preparados para enfrentar o problema do bullying no interior das escolas. Parece que as escolas carecem de conhecimentos de mecanismos legais e pedagógicos para solucionar o problema do bullying. Os Professores também não possuem preparação pedagógica para equacionar os conflitos quando eles surgem dentro das salas de aulas. Creio que as pesquisas sobre o bullying só terão eficácia e pertinência social, na medida em que partem do estudo etnográfico do cotidiano escolar, considerando os sujeitos que corroboram a construção social da escola como fontes privilegiadas de informações sobre o fenômeno da violência escolar, configurado pelo bullying. Isso requer não só a presença prolongada do pesquisador dentro das escolas, mas é fundamental que a pesquisa envolva de forma democrática a participação de alunos, pais de alunos, professores e funcionários das escolas enquanto sujeitos de pesquisas. O meu propósito no presente projeto é desenvolver o estudo sobre o bullying a partir do estudo do cotidiano escolar, tomando a pesquisa participante como abordagem fundamental.

## **2 PROBLEMATIZAÇÃO E PERGUNTA DE PARTIDA**

O bullying constitui um dos maiores problemas da violência escolar na contemporaneidade, ameaçando a própria segurança dos sujeitos que interagem na construção social do cotidiano escolar. Essa forma de violência assume cada vez mais variadas configurações, desde as agressões físicas e verbais até ao uso de armas como formas de agressão e/ou defesa dentro das escolas. Perante o quadro acima referido, tornam-se necessários estudos e pesqui-

sas com vista a desvendar as causas e as consequências do bullying e, neste aspecto, importa, sobretudo questionar: qual a relação entre escola/comunidade e escola/família na prática de bullying? Em que medida a relação pedagógica (relação professor aluno) interfere na prática de bullying? Qual a relação entre o bullying, à socialização nas escolas e o aproveitamento escolar? Estas e outras questões devem orientar o presente estudo que parte do pressuposto de que a naturalização do bullying como fenômeno normal da cultura escolar deve ser um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento de estudos e projetos com vista à busca de soluções teóricas e empíricas para o enfrentamento do problema da violência escolar.

### **3 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS**

#### **3.1 GERAIS**

O presente estudo tem como propósito geral pesquisar o fenômeno do bullying enquanto reprodução da violência em escolas públicas do ensino fundamental, no Município de Santo Amaro. O estudo visa contribuir com dados teóricos e empíricos que possibilitem, de alguma forma, aos dirigentes escolares e aos educadores a implementação de medidas legais e pedagógicas no enfrentamento da violência escolar.

#### **3.2 ESPECÍFICOS**

- Analisar as políticas de enfrentamento do bullying expressas em documentos oficiais da escola (LDB, PPP das Escolas, etc.);
- Identificar atitudes e comportamentos de alunos que praticam o bullying no cotidiano escolar;
- Descrever atitudes e comportamentos de alunos vítima do bullying no espaço escolar
- Analisar as práticas pedagógicas docentes no enfrentamento do bullying no cotidiano escolar.
- Compreender as relações entre escola-comunidade e escola-família na prática do bullying;
- Refletir sobre a interface entre o bullying e a relação pedagógica (relação professor-aluno);



## 4 METODOLOGIA

Como referi na justificação, à escolha deste tema originou das experiências vividas ao longo da minha trajetória académica. Ficou perceptível para mim como esses atos que ocorrem no espaço da escola interferem de forma negativa e deixam graves sequelas na vida de crianças, adolescentes e jovens em idade escolar e por vezes na própria vida adulta. A tendência é levar a que os sujeitos vítimas do bullying se refugiam em “grupinhos”, pondo em causa a sua própria socialização dentro do espaço escolar. Isso por vezes tem repercussão também na sua socialização futura na vida adulta e profissional.

Para a realização do presente estudo e tratando-se de um campo de pesquisa na área da educação que requer, para a sua efetivação, tanto o conhecimento de políticas públicas, quanto o estudo das representações sociais sobre a violência escolar e particularmente do bullying, proponho uma abordagem metodológica quali-quantitativa ou mista que possibilite ao mesmo tempo o levantamento quantificado de dados e informações sobre o objeto da pesquisa, quanto à análise qualitativa dessas informações com vista à construção da monografia. Para recolher as informações, utilizo como recurso técnico a pesquisa documental sobre políticas públicas e inquéritos por questionário que serão aplicados aos diferentes sujeitos que participam na construção social da escola em estudo. A técnica de pesquisa documental é utilizada para recolher informações precisas e detalhada sobre as políticas pública das escolas bem como as práticas pedagógicas docentes no enfrentamento da violência escolar e particularmente do bullying. A técnica de inquérito por questionário é utilizada para estudar as representações mentais dos discentes, professores, funcionários e pais de alunos sobre a prática do bullying nas escolas do município de Santo Amaro.

## 5 REVISÃO TEÓRICA

Sabemos que a violência tem chegado a diferentes espaços, um deles é a escola e tem sido cada vez mais difícil combater a violência dentro desse espaço, à diversidade que existe nesse ambiente, tanto cultural, como social contribui para esse crescente número de ocorrências.

Segundo um artigo publicado pela *Época* em 2016, a violência verbal ou física atingiu 42% dos alunos da rede pública. A violência não se caracteriza apenas por física, por isso com este estudo procuramos tratar mais uma forma de violência, a qual tem atingindo uma grande

porcentagem nas escolas, o bullying que também contribui para tornar essa fase que todos nós passamos em algo hostil, é uma cicatriz que carregamos.

A violência psicológica ou agressão emocional, tão ou mais prejudicial que a física, é caracterizada pela rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas. É uma violência que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente provoca cicatrizes para toda vida. (MORRONE, 2006)

De acordo com a LDB, lei de nº 9.394/1996, seção III, Art. 32º, do inciso IV, o ensino fundamental de rede pública tem por obrigação o fortalecimento dos vínculos de famílias, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. A escola é o primeiro contato social que o indivíduo tem longe dos laços familiares, nos é permitido enxergar a distinção dentro desse espaço, e ainda nos dando a oportunidade de estabelecer uma comunicação com uma figura que até então não conhecíamos. A escola tendo esse papel de ser um mediador social precisa ser enxergada pelos jovens como o lugar de crescimento, acolhimento social, para jovens que já estão propícios a criminalidade; a escola e seus educadores tem a incumbência de ser modelos de identidade isso porque a instituição deve desprover qualquer tipo de julgamento direcionado, evitando classificações morais que tende a estabelecer o “bom” e o “mau” aluno desencadeando sentimentos de repulsa, isolamento por não se enquadrar nesse modelo pré-definido.

“A escola terá também de evitar as classificações morais que impedem a mudança pela aplicação reificadora de rótulos: ‘o mau menino’, ‘o que não-tem-jeito’”. (SOARES, 2006. p. 287)

Entretanto a responsabilidade não deve recair somente a escola, a participação familiar na construção social é tão importante quanto; a compreensão e o apoio da comunidade possibilitam que toda e qualquer medida de prevenção possa ir além dos muros deixando de ser algo aplicado somente na escola. Já que para amenizar o efeito do chamado fenômeno de violência é preciso muito mais que a incrementação de medidas de segurança, ou um castigo aplicado pela instituição. O ato de disciplinar o indivíduo quando se trata do âmbito escolar pode promover atitudes dentro desse espaço e no exterior também de zoeira, onde quem presenciou não deixa passar o ocorrido sem comentar sobre o mesmo em roda de amigos ou locais semelhantes.

Essa participação da comunidade deve ser orientada, sobretudo, para as famílias incentivando-as a participar no processo de formação dos seus filhos. A parceria entre escola, comunidade e família abriria espaço de debates e sugestões de estratégias que colaborariam para minimizar a violência no âmbito escolar. (SOUZA, 2008, p.

132).

Questões como de convivência também vem á influenciar esse jovem, por esse motivo o modo qual ele é tratado em diferentes espaços, pode vir a gerar uma reprodução de tal cotidiano, empenhar-se para derrubar uma barreira invisível que foi levantada entre professor/aluno utilizando a posição de “autoridade” como base de tal afastamento pode ser um dos recursos para melhorar o relacionamento; professor/aluno, aluno/aluno. Para isso, é indispensável um preparo para a instituição conseguir lidar com tais situações.

As atividades de ruptura de preconceitos, medos e silêncios de alguns professores diante do conhecimento de situações graves de violência envolvendo alunos demonstraram o potencial transformador da escola no sentido de ampliar o diálogo sobre essa questão, diminuindo as distancias entre educador-educando, revertendo alguns comportamentos agressivos, de baixa auto-estima e apatia de alguns alunos. (NJAINÉ e MINAYO, 2003, p. 132-133).

Entretanto, como foi citada logo acima, a problemática em torno do bullying não se restringe somente á escola ou aos educadores como formadores de individuo. Sendo assim essa formação, ou tratamento deve ser algo continuo em todo e qualquer espaço que esse jovem transite equilibrando entre educador e família essa responsabilidade da formação do individuo; dialogar sobre o bullying, dentro e fora do cotidiano escolar, levando além dos muros da instituição e tratando o assunto com mais seriedade e deixando de naturalizar as praticas do mesmo fazendo com quê exista confiança do jovem em conversar com alguém a qual se sinta seguro para falar sobre suas experiências particulares.

## **6 RELATÓRIO PRELIMINAR DA PESQUISA DE CAMPO**

A pesquisa foi realizada na Escola Senador Pedro Lago, de 5° a 8° ano, no município de Santo Amaro- BA. Cujo objetivo foi analisar o comportamento dos jovens no ambiente escolar com o fim de observar atitudes e comportamentos do bullying. Com o consentimento da vice-diretora comecei a minha pesquisa de campo acompanhando a chegada dos alunos e a saída. Ao iniciar a primeira visita, quando cheguei já havia alguns alunos que esperavam pela chegada do professor, que até aquele momento não se fazia presente. Os responsáveis por aqueles jovens dentro da instituição eram os funcionários da limpeza e uma moça que controlava a entrada dos alunos. Até à chegada de um professor há bastante tempo livre; foi nesse período vago que consegui identificar as práticas de bullying que acontecem longe do olhar

do educador, onde não tem a presença de uma figura com “autoridade” à reprodução do bullying ganha mais peso.

O comportamento dos alunos varia muito entre os mais velhos para os mais novos, numa verdadeira relação de poder. A impressão que se tem é que existe uma dominação, ou uma tentativa de impor medo, como prática de mostrar poder aos demais. Muitas vezes essa é a forma que eles encontram de não se mostrarem vulneráveis para sofrer também esses atos. Lembro-me que quando fazia o fundamental depois de inúmeras implicâncias, apelidos, “brincadeiras” que, de certa forma, prejudicou, por um tempo, a minha interação com os outros alunos, de vítima passei a ser o agressor em uma vã tentativa de me proteger. Nenhum dos responsáveis pela instituição se empenhou para reverter essas cenas que aconteciam diariamente, situação que me fez perder a confiança nas outras pessoas, tanto que deixei de falar o que acontecia comigo, carregando toda culpa e responsabilidade sozinha.

Pelos corredores da escola pude ver que os menores (principalmente as meninas) não se relacionavam tanto com os outros colegas como os maiores, parecia que faltava liberdade para tais ações principalmente ao perceber presença de meninos, existia uma cautela ao se comunicar entre si, qualquer coisa que era pronunciada, dita ou até mesmo o próprio jeito da pessoa de falar, em se gesticular gera atitudes como: dar apelidos, implicar com aquela pessoa ou esconder objetos pessoais. Essas e outras ações fazem com que cresça ainda mais o número de conflitos dentro da instituição. Enquanto analisava os comportamentos, uma menina que aparentava ter seus 11 anos se aproximou, logo em seguida, alguns alunos maiores passaram e percebi que houve uma intimidação pela reação que ela teve, se encolheu na parede próxima do local onde eu estava. Esse é só um dos comportamentos que uma pessoa intimidada pode ter. Eu tentava fazer amizade com alunos de outras séries com uma grande diferença de idade com o pensamento que qualquer situação que ocorresse algum deles poderia reagir para me “defender” o que muitas das vezes não acontecia, a vergonha que sentia com os apelidos principalmente quando estava na roda de amigos (as) era quando eu deixava de ser vítima e a começava a reproduzir o bullying. Com a visão que tenho hoje consigo notar que não se posicionar ou não tentar ajudar quando presenciamos toda ou qualquer tipo de violência nos tornamos coniventes, mesmo que inconscientemente. Acredito que ela tenha analisado que a minha presença ali poderia gerar outro tipo de comportamento, trazendo segurança para ela já que até aquele momento os únicos responsáveis pelos alunos era o pessoal da limpeza.

A chegada da vice-diretora ocasionou uma movimentação maior entre os alunos, que correm para as salas de aula mesmo sem nenhum professor para aplicar a tarefa. Existe um problema em lidar com a violência nas escolas, existe um discurso sobre como se

deve agir diante de tais casos, entretanto na prática surgem diversas limitações tanto referentes à instituição como para educadores. O despreparo que as escolas enfrentam prejudica todo o corpo estudantil; não percebi um aprofundamento sobre o assunto na escola, e nem quando conversei com uma das alunas.

Em uma conversa rápida com a diretora perguntei sobre o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola e a mesma informou que no momento a escola se encontrava sem o PPP e que foi necessário criar um novo regimento, até porque a escola se encontrava em uma nova realidade, já que outrora era uma propriedade estadual que passou a ser municipal. Perguntei o que tinha mudado em relação à nova realidade.

“Para manter a ordem no local foi preciso criar regras para melhorar o convívio dos alunos entre si e com os funcionários, tais como professores e os responsáveis pelo bom funcionamento da escola”.

Algumas das regras citadas foram: no palavrado usado dentro da escola não é permitido palavrões (embora durante a visita pudesse ouvir alguns xingamentos entre alunos); uso de boné, celular, tem horário máximo para a entrada; e o que mais me assustou, não é permitido sair da sala de aula se caso não for para beber água ou ir ao banheiro, nem para lanche eles podem sair. O lanche é levado na sala, e lá mesmo faz--se a refeição, ou seja, o momento que deveria ser destinado ao recreio eles não tem, o que é algo preocupante já que a escola é o primeiro contato social longe da família e de pessoas que já fazem parte do seu cotidiano. É nesse espaço que começa a percepção do lugar do outro, do conhecer o diferente; seria no momento do recreio que o jovem deveria fazer a interação com os outros, dialogando, trocando experiências e aprendendo com o que é algo novo para ele; a escola deixa de ser um lugar para troca de experiências e se torna um tipo de “prisão”. Obviamente que esse isolamento pode também induzir os alunos à violência e a prática do bullying, devido à ausência de interação e convívio entre eles.

Em um diálogo com uma das alunas que tem 11 anos, da qual consegui ter mais proximidade durante a observação, conversei sobre a realidade da Escola Senador Pedro Lago. Por ela ser menor de idade, durante a transcrição da entrevista, usarei o pseudônimo Maria para a entrevistada.

- **Entrevista**

Entrevistadora - Você sabe o que é bullying?

Maria - É quando a pessoa abusa a outra né?

Entrevistadora - O bullying é uma forma de violência que as pessoas confundem com brincadeira, mas as características que diferenciam esse tipo de violência, ele vem em forma

de apelidos, implicâncias, algo que tem o objetivo de humilhar. Onde você estuda você já viu algo parecido com o que eu disse?

Maria - Varias vezes, os meninos chamam uma menina lá de “bicha feia”, dizem que ela não toma banho, que fica fedendo em baixo do braço. Ela fica com vergonha né, eu também já abusei dela às vezes, mas é porque ela me abusa primeiro; às vezes os meninos batem nela, ai eles vão falar com a diretora.

Entrevistadora - Quando vocês vão falar com a diretora ela diz alguma coisa?

Maria- Às vezes ela bota na observação, dá suspensão ou chama os pais. Teve uma vez que a menina que eles abusam inventou que a mãe dela trabalhava no juizado de menores, falou que ia falar com a mãe dela.

Entrevistadora - E a mãe dela apareceu na escola?

Maria – Não; depois ela ficou meses sem ir pra escola, agora que começou a prova que ela tá vindo.

Entrevistadora - Ela tem muitos amigos na escola?

Maria- Tem.

Entrevistadora- E eles a defendem ou não falam nada?

Maria- Às vezes defendem.

Entrevista- E os professores?

Maria- Não tão na sala às vezes, ai começa a abusar ela.

Entrevista- E com você, já aconteceu algum caso de bullying?

Maria - Já, agora me chamam de farol de combi, de seca, que eu tô morrendo a fome.

Entrevistadora - E você já falou com seus pais?

Maria - Às vezes minha mãe vê

Entrevistadora - E sua mãe já foi na escola tomar alguma providencia?

Maria - (Ela não respondeu)

Entrevistadora - E a diretora?

Maria - Assim, ela já vem tarde, vêm 09 hs ai os meninos já aproveitam, entendeu.

Entrevistadora - E quando os meninos te apelidavam o que você sentiu? Te atrapalhou em alguma coisa ?

Maria - Eu ficava com vergonha, às vezes eu abusava eles também, mas é só os meninos grandes que não é da minha sala.

Entrevistadora - E dentro da sala de aula, com os professores eles fazem isso também?

Maria - Faz.

Entrevistadora- E o professor?

Maria - O professor não tá nem aí né, porque os meninos jogam bola de papel. Mas isso acontece mesmo quando o professor não tá.

Entrevistadora - E vocês já falaram com algum professor?

Maria - Não né. Porque tá relacionado com todo mundo, às vezes todo mundo faz.

Entrevistadora - E quando você faz você acha que está certa?

Maria - A maioria das coisas que eu faço às vezes eu acho que tô certa né. Porque você faz as coisas que acha que tá certa né. Eu abuso ou outros que me abusa né, que bate e sai correndo.

Após essa breve conversa, consegui analisar melhor como o bullying se manifesta no espaço escolar, distante dos olhares dos/das educadoras ou do responsável pela direção da escola. Assim também percebi como é necessário derrubar essa naturalização do bullying. As pessoas e os sujeitos da escola (direção, pais, professores e, sobretudo alunos) precisam compreender o quanto essa forma de violência pode atrapalhar o convívio social e psicológico e outras dimensões da vida de quem sofre ou já sofreu com bullying. É crucial fazer uma interface entre família e escola no sentido de combater a violência escolar e particularmente o bullying que é a forma de violência mais recorrente. A ausência da autoridade e de um regulamento disciplinar constituem problemas sérios na prevenção e combate contra o bullying. A ausência e ou indiferença dos pais constituem também outro empecilho. É fundamental que os alunos sejam instruídos tanto na família e na comunidade, quanto e, sobretudo na escola, de forma a não praticarem o bullying. É preciso desnaturalizar o bullying como fenômeno da cultura escolar e para isso é necessário que os agentes envolvidos na construção social da escola estejam informados sobre o assunto. Cabe explicitar que esse relatório não constitui um trabalho etnográfico, de modo que essas informações são preliminares. A abordagem etnográfica propriamente dita será aplicada posteriormente no decurso do desenvolvimento da monografia, possivelmente na fase da especialização em pedagogia.

## REFERÊNCIAS

BACOS. R. M., Estudo sobre violência na escola e suas principais tipologias. Juiz de Fora-MG, Revista Uemg, v. 1, n. 1 (2014).

CAMPELLO C., Violência na escola: um protesto contra a exclusão social, Salvador, Bahia Análise & Dados- v.11 n.1 p.28-31 (2001).

MORRONE B. (2016). A violência em sala de aula: uma análise no 1º ano do ensino fundamental da escola municipal. Acessado em 01/11/2017  
<http://monografias.brasile scola.uol.com.br/educacao/a-violencia-sala-aula-uma-analise-no-1-o-ano-ensino-fundamental.htm>

NJAINÉ K. e MINAYO M. C. S., Violência na escola: identificando pistas para a prevenção, SP, Revista Interface (Botucatu), v7, n13, p.119-34, (2003).

PEREIRA Sandra R. (2016) Violência atinge 42% dos alunos da rede pública. Revista Época. Acessado em 20/10/2017 <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/03/violencia-atinge-42-dos-alunos-da-rede-publica.html>

SOARES L. E., Legalidade libertária. Rio de Janeiro, Lumen Juris, (2006).

SOUZA M. R., Violência nas escolas: causas e consequências\*. Aparecida de Goiânia- GO, Caderno Discente do Instituto Superior de Educação- Ano 2, n. 2 (2008).